



**Impasses entre o Letramento e a Cultura Nas
Humanidades: Uma Visão Filosófica da Formação do
Leitor⁵**

*Stalemate Between Literacy and Culture in The
Humanities: A Philosophical View of Reader Training*

*Estancamiento Entre la Alfabetización y la Cultura en
las Humanidades: Una Visión Filosófica de la
Formación del Lector*

Robson Aurélio Adelino Braga⁶

⁵ Recebido em 19/01/19, versão aprovada em 19/03/19.

⁶ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Mestre em Ciências da Comunicação – USP; doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – UFPE; e-mail: escabeau@gmail.com.

RESUMO

Os chamados Novos Estudos sobre Letramento se apresentam como uma compreensão do papel da cultura escrita na educação e se apoiam em um legado teórico influenciado por correntes filosóficas contemporâneas marcadamente críticas em relação ao Humanismo educacional e sua visão logocrática. Tomando-se Steiner como um dos últimos defensores da cultura das humanidades como perspectiva de formação e os Novos Estudos sobre Letramento como atualização crítica do pensamento educacional sobre a leitura, a aproximação dessas perspectivas tão distintas mostra um impasse sobre o qual podemos refletir no sentido de extrair uma concepção mais lúcida e consequente sobre o que devemos entender por letramento. O presente artigo pretende tão somente esboçar algumas questões que dão forma a esse impasse.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Formação do Leitor. Cultura da Leitura. Ciências Humanas.

ABSTRACT

The so-called new literacy studies present themselves as an understanding of the role of culture written in education and rely on a theoretical legacy influenced by contemporary philosophical currents markedly critical in relation to humanism education and its logocratic vision. Taking Steiner as one of the last defenders of the culture of Humanities as a perspective of formation and the new studies on literacy as a critical update of educational thinking about reading training. The approximation of these perspectives so distinct shows a deadlock; about which we can reflect in order to extract a more lucid and consequent conception of what we should understand by literacy. This article intends to outline some issues that form this stalemate.

KEY WORDS: Literacy. Reader Training. Reading Culture. Humanities.

RESUMEN

Los llamados nuevos estudios de alfabetización se presentan como una comprensión del papel de la cultura escrita en la educación y dependen de un legado teórico influenciado por las corrientes filosóficas contemporáneas notablemente críticos en relación con el Humanismo Educación y su visión logocrática. Tomando a Steiner como uno de los últimos defensores de la cultura de las humanidades como una perspectiva de formación y los nuevos estudios sobre la alfabetización como una actualización crítica del pensamiento educativo sobre la lectura, la aproximación de estas perspectivas tan distintas Muestra un estancamiento sobre el cual podemos reflexionar para extraer una concepción más lúcida y consecuente de lo que debemos entender por la alfabetización. Este artículo tiene la intención de esbozar sólo algunas cuestiones que forman este estancamiento.

PALABRAS-CLAVE: Alfabetismo. Formación del Lector. Cultura de la Lectura. Humanidades.

**INTRODUÇÃO**

O Humanismo pode ainda nos orientar sobre o papel da literatura e da leitura na educação? Essa pergunta só adquire a configuração de um problema pertinente ao campo da educação se a colocarmos em face da constatação de que a compreensão a respeito do papel da literatura e da leitura que atualmente orienta a prática educacional é decisivamente influenciada por uma orientação filosófica pós-metafísica, pós-humanista. Assim sendo, os contornos da questão e, conseqüentemente, da solução que pudermos dar a ela (cumpre repetir: afinal, o) só podem ficar claros se apresentarmos simultaneamente os dois lados da questão:

- O Anti-Humanismo Contemporâneo, e visão pragmática sobre o Letramento;
- O Humanismo Pós-Moderno, e a relação entre a literatura e a leitura.

No apanhado provisório que apresentamos até aqui, o segundo tópico se dirige a uma apresentação da filiação de George Steiner a uma visão logocrática da linguagem e da primeira parte de sua elaboração de uma tese sobre uma recepção estética baseada na transcendência.

O primeiro tópico sugere um aprofundamento que, podendo aqui ser apenas indicado, apontaria para o exame dos textos de história da filosofia que captam o momento de consolidação do pós-estruturalismo e do desconstrucionismo, representados pelas figuras emblemáticas de Michel Foucault e Jacques Derrida, como configuração de um pensamento filosófico de inspiração heideggeriana marcado por uma forte conotação anti-humanista e anti-metafísica.

O texto não pretende expor por inteiro a constituição da perspectiva sob a qual pretendemos enfocar o problema da leitura em nossa tese. Mas pretende propor um tangenciamento dessa problemática, se levarmos em conta que a perspectiva do “letramento” é uma das formas que assume a compreensão das práticas de leitura sob a influência (frequentemente não declarada ou inconsciente) de um pensamento filosófico que recrimina a transcendência e faz da imanência e do relativismo a base de sua compreensão sobre o papel da leitura e da literatura na educação.

O ANTI-HUMANISMO CONTEMPORÂNEO E O LETRAMENTO

Pierre Bourdieu, na esteira do pensamento crítico em que se destaca o pós-estruturalismo como corrente intelectual dominante, nos defronta com um impasse. Os valores que durante muito tempo formaram o alicerce do projeto de subjetivação que a educação tentou levar a cabo são, segundo ele, arbitrários; não há neles nenhuma universalidade, nenhuma transcendência, noções que constituiriam apenas o álibi para o processo de dominação política e exclusão social a que servem como suporte ideológico.

A concepção humanista de educação, tal como tradicionalmente a conhecemos, é impensável sem o recurso às noções de universalidade e transcendência (além de outras como autoridade, tradição, transmissão, responsabilidade). Ao retirar do Humanismo suas prerrogativas e confiscar seus privilégios, demonstrando o caráter contingente e arbitrário do “capital cultural” que lhe dá suporte, Bourdieu confere lastro sociológico aos estudos sobre o letramento, na medida em que sua sociologia investe contra a supremacia dos valores culturais que outorgam a uma forma de leitura um status hierarquicamente superior às demais.

A crítica contemporânea ao Humanismo é uma quase unanimidade que se manifesta em muitas versões, sob a pena de muitos autores influentes. Essa crítica incide principalmente sobre o caráter elitista e o pendor autoritário do Humanismo. Um exemplo particularmente agressivo dessa crítica é expresso nos seguintes termos por um filósofo alemão contemporâneo:

O serviço militar obrigatório universal para os jovens do sexo masculino e a leitura obrigatória universal dos clássicos para ambos os sexos caracterizaram a época burguesa clássica, isto é, aquela era da humanidade armada e dedicada à leitura, para a qual os novos e velhos conservadores olham nostálgicos e ao mesmo tempo impotentes, totalmente incapazes de dar conta, em termos da teoria dos meios de comunicação, do sentido de um cânon literário (...) O Humanismo burguês, substancialmente, não foi mais do que o pleno poder de impingir os clássicos à mocidade e reivindicar o valor universal das leituras nacionais (SLOTERDIJK, Peter, p. 12-13 tradução livre do autor do artigo).

O Humanismo, esse “entusiasmo melancólico-esperançoso pelo poder civilizador e humanizador da leitura clássica” (SLOTERDIJK, 2000, p. 16), tem ainda alguma viabilidade como parte (já nem se dirá como eixo fundamental) de um projeto educacional, dadas as críticas virulentas que o acossam? Pode a noção de leitura moldada pelo cultivo dos clássicos ter ainda alguma viabilidade em face do postulado que está no centro da sociologia de Bourdieu e da crítica pós-estruturalista – a saber: a estreita relação entre a linguagem e a violência simbólica?

O Humanismo é refratário à noção de letramento (ou vice-versa)? Ele pode, de alguma forma, se beneficiar dos novos estudos sobre letramento? Ou estes, por sua inspiração

bourdieuriana, veem no Humanismo, na melhor das hipóteses, o objeto de uma crítica e uma expressão autoritária da dominação simbólica decorrente de uma visão hierarquizada dos textos e da leitura ou, na pior das hipóteses, um inimigo a combater?

As notas que seguem partem dessas perguntas, mas não alcançam uma resposta. Sua pretensão é apenas estabelecer as primeiras balizas de uma reflexão que se vê compelida a prosseguir, já que não podem acolher a hipótese de parar ou retroceder.

A problematização que instaura a mediação da leitura que podemos fazer sobre os estudos do letramento é a que incide sobre o sentido da obra de George Steiner. Em seu conjunto, essa obra oferece uma ampla problematização da perspectiva humanista da educação no quadro das transformações observadas na esfera da cultura no contexto do século XX marcado pelo desmoronamento da hierarquia de valores que configurava a tradição, pela emergência da catástrofe representada pelo holocausto e pela consolidação da cultura de massa.

É na modulação imposta por este cenário que Steiner instala sua reflexão sobre a cultura, indaga sobre o *status* da literatura, constata o empobrecimento geral da linguagem e a deterioração talvez irreversível das práticas de leitura, a perda dos hábitos compartilhados de referência que tornam possível a leitura de um clássico segundo o padrão da textualidade canônica.

O “texto” está se afastando da imediatez, do reconhecimento pessoal e vital, nos tamancos dos pés de página cada vez mais rudimentares, cada vez mais desavergonhados ao transmitir informação que outrora foi o abecedário da cultura (STEINER, 2001b, p. 23-24 tradução livre do autor do artigo).

Além da incidência particular desse tipo de questionamento, a obra de Steiner contém o estofo filosófico de uma concepção sobre o fundamento da educação baseada na tese da transcendência da linguagem. Essas características da obra de Steiner oferecem, a nosso ver, a oportunidade de um questionamento e de uma análise que abarca, de um lado, a indagação sobre a validade do fundamento filosófico de uma educação humanista e, de outro lado, sobre o sentido que uma tal perspectiva educacional pode ainda conferir às práticas relacionadas à linguagem, à literatura e à leitura na educação.

[...] a aposta sobre o sentido do sentido [*le sens du sens*], sobre o potencial de compreensão e de resposta que se manifestam quando a voz de um ser humano se dirige a um outro, quando estamos diante do texto, da obra pictórica ou da composição musical, isto é, quando encontramos o outro na sua condição de liberdade (...), essa aposta de fato incide sobre a transcendência (STEINER, 1991b, p. 22).

A concepção de letramento e o aparato teórico que lhe dá suporte pertencem a um registro fundamentalmente diverso daquele em que se situa o Humanismo e que se baseia numa explícita hierarquização dos conteúdos de leitura e das formas de significação que conformam a manifestação do canônico e da noção – por si só eloquente a respeito do ideal de distinção que está em jogo – de “alta cultura”.

É justo dizer que os estudos do letramento emergem e mantem seu *élan* discursivo como uma reiterada reação à distinção verticalizante preconizada pelo Humanismo e como uma contínua afirmação da horizontalidade de distinções não hierarquizadas, mas apenas diferenciais de conteúdos e processos de significação. Tais estudos constituem, portanto, uma oposição, no campo teórico assim como no da pesquisa empírica e na normatividade das práticas, às concepções exclusivistas sobre o papel da leitura e da escrita na educação. Eles refletem o reconhecimento da legitimidade de uma variedade ilimitada de práticas e usos da escrita e representam um deslocamento da normatividade estrita para a empiria das práticas, da escola para o cotidiano.

Qualquer tentativa de aproximação entre a perspectiva do letramento e as concepções de cultura, texto e leitura do Humanismo tal como se expressa na obra de George Steiner afigura-se, à primeira vista, uma incongruência e um despropósito, ao menos se o ponto de vista adotado for o do forte senso de antagonismo que se expressa no pensamento de Steiner como um todo e em inúmeras passagens de seus livros. Fazendo da exemplificação um exercício quase casual, observemos como, na passagem a seguir, Steiner adverte sobre a natureza distinta do ato de leitura praticado nos limites convencionais da cultura das humanidades, claramente contrastante em relação à multiplicidade de usos e práticas que podem ser agrupadas na acepção genérica de “leituras” ou de “letramentos”:

A maioria dos atos de leitura, digamos noventa e cinco por cento, simplesmente para exemplificar a esmagadora evidência, se dão em um contexto (advirta-se para as proximidades ininteligíveis, e sem embargo vitais, de “texto” e “contexto”), se objetivam com relação a fins que não podemos chamar senão de efêmeros, utilitários, mecânicos, quase sonâmbulos. Os bosques se convertem em celuloose em uma representação a um tempo palpável e alegórica, de esquecimento programado. Milhões de toneladas de papel, impressos, tinta, passam através de um ciclo diário de obsolescência instantânea (STEINER, 2001, p. 16, tradução livre do autor do artigo).

Nesse texto dos anos setenta, Steiner não podia prever ainda a quantidade de textos com sua nova e acentuada efemeridade que circulam hoje em dia nos meios digitais (que tem a seu favor o fato de que não dizem diretamente os bosques). A denominação “texto” na acepção dada por Steiner está reservada ao enunciado escrito propenso a inscrever-se na

memória dos seus leitores, e, num sentido mais amplo, a tornar-se memorável, nesses dois sentidos aptos a denotar, por um lado, a mobilização voluntária da memória individual e, por outro, a capacidade de vir a ocupar um lugar na esteira da tradição que faz perdurar o texto através dos sucessivos processos de transmissão característicos da educação humanista.

Podemos constatar a clara e talvez irreconciliável diferença de perspectiva entre a rígida normatividade da textualidade canônica segundo o padrão do Humanismo steineriano e a visão pluralista, receptiva, infensa a hierarquizações que marca a orientação teórica dos estudos do letramento. Compare-se a liberalidade com que os estudos do letramento questionam a distinção hierárquica entre os diferentes textos, bem como entre as noções de “letrado” e “iletrado” à seguinte caracterização de uma intrínseca correlação entre a noção de texto, tal como acabamos de ver, e a do leitor que lhe corresponde:

[...] um “texto” se gera quando o leitor é aquele que racionalmente se concebe a si mesmo escrevendo um “texto” comparável em importância e grau de exigência, ao que está lendo. Essencialmente, ler é sustentar uma relação ao mesmo tempo recreativa e competitiva com o texto do escritor. É uma afinidade sumamente ativa, cooperadora e, sem embargo, também agonística, cuja execução lógica, senão real, é um “texto de resposta. (STEINER, 2001, p. 18, tradução livre do autor do artigo)

“Talvez irreconciliável...”, dissemos há pouco. Pois, embora a visão steineriana se mostre resistente à fatores atenuações e relativizações, devemos insistir no fato de que toda normatividade se insere numa realidade que lhe impõe limites e inflexões e que é impossível desconsiderar esses limites se somos obrigados a confrontar a idealidade da norma com a real constituição do sujeito que a materializa ou modifica mas só o fará de modo parcial, sujeito (sem o risco de incorrer aqui em redundância) que está às injunções do mundo real, da concretude de sua condição de sujeito no mundo.

É no quadro dessa ponderação sobre limites, contextos, inflexões que podemos submeter as concepções de Steiner a um olhar que opera no horizonte dos estudos sobre letramento. Uma tal perspectiva exigirá, em primeiro lugar, que não se considere de modo unívoco, estático as noções de texto, leitor e leitura. Pensar essas categorias sob a ótica do letramento implica necessariamente em reconhecer uma ampla variedade de materialidades, formas e performances. Fica assim resguardada a possibilidade de pensar como texto realizações linguísticas que estão fora dos limites restritivos da textualidade canônica, que se prestam a variados usos e práticas e que ensejam a possibilidade de uma ampla tipologia de leitores e leituras. É apenas no terreno dessa diversidade que se pode pensar em termos de letramento.

Dito isto, a noção de letramento e a metodologia que dela decorre permitirão operar uma distinção em que a modalidade de texto, de leitura e de leitor descritos por Steiner poderia ser enfocada como um tipo particular de letramento, um “letramento humanista” como uma prática de letramento intensamente institucionalizada que poderia ser estudada e compreendida para dar ensejo a um trabalho pedagógico no sentido de formar leitores para essa modalidade particular de leitura.

O HUMANISMO PÓS-MODERNO E A LEITURA LITERÁRIA

No entanto, uma possível aproximação entre o Humanismo e os estudos sobre letramento não deixaria de parecer um extravagante sincretismo teórico. Do ponto de vista dos estudos pós-modernos, não haveria maiores dificuldades em assimilar os *studia humanitatis* como uma modalidade particular de letramento, uma variante da leitura literária, seja escolar, acadêmica ou de lazer social, instituída por uma indústria cultural em constante evolução.

Sua perspectiva pluralista e francamente aculturante confere-lhe um escopo virtualmente ilimitado: ali onde há padrões institucionalizados de comunicação mediada pela escrita há um objeto a ser estudado, uma prática de letramento a ser compreendida. Isso faz parecer que estamos realizando uma operação intelectual trivial em que uma teoria identifica um novo objeto e sobre ele faz recair seu aparato metodológico, as mídias e suas linguagens em convergência para os suportes digitais. Essa aparência se desfaz se levarmos em conta que o Humanismo não tem nada de “novo” e se atentarmos para a tensão paradigmática que resulta de uma aproximação entre modelos de compreensão fundamentalmente diferentes.

Por outro lado, os estudos sobre letramento refletem uma insurgência do pensamento pedagógico contra o caráter parcial e excludente de uma concepção tradicional de leitura literária, que enseja manifestações do “poder simbólico” tal como é concebido como objeto de severa crítica pela sociologia da educação de Bourdieu. Da estreita aliança com o legado da sociologia e da antropologia no que concerne à crítica às formas de dominação simbólica que operam por meio da linguagem decorre o interesse dos estudos do letramento nas manifestações da cultura escrita consideradas marginais ou ilegítimas se comparadas às formas hegemônicas:

[...] ali onde os teóricos da educação e da psicologia têm se centrado em elementos discretos das habilidades de leitura e da escrita, os antropólogos e os sócio-linguistas têm se concentrado nos letramentos: as práticas sociais e as concepções acerca da leitura e da escrita. A rica variação cultural dessas práticas e concepções nos leva a repensar seu significado e a sermos cautelosos na hora de supor um único letramento

onde podemos estar simplesmente impondo, no letramento dos outros, pressupostos derivados de nossa própria prática cultural. As investigações recentes acerca das culturas e que incidem sobre a leitura e a escrita nos levam a fixar nosso interesse nas maneiras originais e criativas com que as pessoas adaptam o letramento a suas preocupações e interesses próprios (STREET, 2004, p. 81, tradução livre do autor do artigo).

É de uma sociologia da educação e da cultura como a de Bourdieu, ou, de qualquer modo, do interesse antropológico e/ou sociológico em abordar a interação entre o social e simbólico, bem como a manifestação de relações de poder através da linguagem, que surge o ponto de vista que:

[...] permite enfocar as maneiras como a aparente neutralidade das práticas mascaram sua importância para a distribuição do poder na sociedade e para as relações de autoridade: a aquisição, o uso e o significado de diferentes letramentos têm um caráter ideológico que até pouco tempo não havíamos reconhecido suficientemente (STREET, 2004, p. 82, tradução livre do autor do artigo).

Mas (e aqui abrimos um parêntese francamente especulativo) a crítica bourdieuriana às manifestações do poder simbólico que operam por meio da linguagem pode se deparar com um último e intransponível obstáculo: a hipótese de que haja entre a linguagem e o poder uma relação intrínseca assente na natureza da linguagem. O que aventamos aqui em forma de hipótese, Roland Barthes expressou de forma categórica e provocadora: “...a língua, como performance de toda linguagem, não é nem reacionária nem progressista; ela é, simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” Ou ainda: “por sua estrutura mesma, a língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e, com mais forte razão ainda, discorrer, não é comunicar, como se repete com muita frequência, é sujeitar: toda língua é uma reação generalizada” (BARTHES, 1978, p. 13-14, tradução livre do autor do artigo).

À sua maneira, George Steiner expressou um juízo semelhante dirigida à escrita (a longa citação me será perdoada):

No texto escrito, seja tabuinha de argila, mármore, papiro ou pergaminho, seja gravado no osso, enrolado ou impresso num livro, vigora um alto grau de autoridade (termo que, como sua origem latina *auctoritas*, recobre a palavra “autor”). O simples fato de escrever, recorrer a uma transmissão escrita, implica uma reivindicação do magistral e do canônico. De maneira evidente no caso de qualquer documento teológico-litúrgico, código penal, tratado científico ou manual técnico, de maneira igualmente muito forte, embora mais sutil, até mesmo autossubversiva, no caso dos textos cômicos ou efêmeros, todo texto escrito é contratual. Ele liga o autor e o seu leitor à promessa de um sentido. Por essência, o escrito é normativo. É “prescritivo”, termo cuja riqueza conotativa e semântica exige uma atenção particular. “Prescrever” significa ordenar, isto é, antecipar-se a, e circunscrever (outra locução eloquente) um domínio de conduta, ou de interpretação do consenso intelectual ou social. Os termos “inscrição”, “script”, “escriba”, e o riquíssimo campo semântico do qual derivam,

associam íntima e inevitavelmente o ato de escrever a modos de comando. “Proscrição”, termo aparentado, ressoa a exílio ou morte. De todas as maneiras possíveis, inclusive mascarados sob uma aparência ligeira, os atos da esfera do escrito, como que incrustados nos livros, expõem relações de poder. O despotismo exercido pelo clero, pelo político, pela lei sobre os iletrados ou subletrados só faz exprimir essa absoluta verdade cardeal. O envolvimento da autoridade com um texto, a apropriação e o uso exclusivo desses livros por uma elite de letrados são sinais de poder. Há uma perturbadora forma de verdade nos volumes acorrentados das bibliotecas monásticas medievais. O escrito ilude os sentidos (em São Jerônimo, o tradutor conquista o sentido, da mesma forma que o conquistador vitorioso leva os prisioneiros para casa) (STEINER, 2014, p. 79, tradução livre do autor do artigo).

Uma relação ontológica entre a linguagem e o poder sugere que façamos ressalvas ao intento de depurá-la em último grau, eliminando os traços de autoridade que lhe são próprios. Dir-se-á, no entanto, que, aquém dessa instância essencial, a linguagem é um instrumento de poder operando em situações concretas, em contextos específicos, viabilizando formas específicas de dominação. O aparato da crítica sócio-linguística recobra aqui a viabilidade de sua crítica: incidindo sobre contextos, usos e práticas específicos, entre os quais o da educação. É nesse sentido que entendemos o aporte dos estudos do letramento, como “descrições concretas de usos e concepções reais do letramento em contextos culturais específicos (STREET, 2004, p. 82). Aqui ressurgue o sonho bourdieuriano de uma educação não reprodutivista, capaz de desativar todos os mecanismos da violência simbólica. Mas surge também uma ressalva que só posso expressar, de momento, de maneira muito parcial e especulativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eficácia reprodutivista (reprodução da desigualdade social e das formas de dominação) da educação escolar e das instituições culturais (museus, cinema, teatro, literatura etc.) foi rigorosamente demonstrada pelas pesquisas feitas ou dirigidas por Bourdieu. A questão, a nosso ver, e aí reside o impasse que a sociologia da educação e da cultura bourdieuriana lançou sobre a pedagogia, é saber se, ou em que medida, a reprodução pode ser extirpada do funcionamento dessas instituições ou se são uma característica intrínseca da qual elas não podem, em última instância, se desvencilhar. Por ora não podemos mais do que lançar e deixar em aberto essa questão de longo alcance e de solução improvável.

Pois não se trata aí apenas de duas formas de compreender a natureza do textual e das práticas de leitura, sendo uma mais plural, aberta, flexível e outra mais estrita, particular e severamente normativa. Trata-se também de duas filiações pedagógicas essencialmente diversas. De um lado, o Humanismo não é somente uma prática de leitura (ou de letramento),

mas um discurso formal e coerente sobre os modos de ler, sobre os valores implicados nesse ato e sobre o valor diferencial de um corpus canônico de aurores e obras consagrados por uma tradição.

Se os estudos do letramento podem, por assim dizer, dialogar com o Humanismo, temos que admitir que o termo “diálogo” tenha que soar retórico, uma vez que o Humanismo ocuparia aí uma posição assimétrica e subordinada, precisamente como objeto dos estudos sobre letramento e mais: como um objeto entre outros, revogado o *status* de uma forma superior de leitura que o Humanismo sempre reivindicou. Respondemos assim, a questão inicial que motivou a elaboração desse artigo, com um novo questionamento: como é possível promover o letramento, sem a apropriação da leitura literária, ou seja, sem que os discípulos tenham contato com a subjetividade que atribui sentidos à sistematização de conhecimentos?

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Leçon**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parquet humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

STEINER, George. O silêncio dos livros. **Revista Serrote**, São Paulo, n. 17, julho-2014, p. 77-107.

STEINER, George. **Sobre la dificultad y otros ensayos**. Mexico, D: Fondo de Cultura Económica, 2001.

STREET, Brian. Los nuevos estudios de literacidad. In: ZAVVALA, V; NIÑO-MARCIA, M.; AMES, P. **Escritura y sociedade**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales em el Perú, 2004.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

Deadlock between literacy and culture at Sciences: a philosophical view of the reader's training⁷*Robson Aurelio Adelino Braga⁸***INTRODUCTION**

Humanism can still guide us about the role of literature and reading in education? This question only acquires the configuration of a relevant problem in the field of education to put in face of the fact that the understanding about the role of literature and reading that currently guides the educational practice is decisively influenced by a post-metaphysical philosophical orientation, post-humanist. Therefore, the question contours and hence we can give solution to it (again fulfills: after all,) can only be clear simultaneously introduce both sides of the question:

- Anti-Humanism Contemporary and pragmatic vision of literacy;
- The post-modern Humanism, and the relationship between literature and reading.

In the provisional caught that we present here, the second topic addresses a presentation of George Steiner membership in a logocrática view of language and the first part of its preparation of a thesis on an aesthetic reception based on transcendence.

The first topic suggests a deepening that may here be indicated only point to the examination of the history books of philosophy that capture the moment of consolidation of post-structuralism and deconstructionism, represented by the emblematic figures of Michel Foucault and Jacques Derrida, as configuration of a philosophical thought of Heidegger's inspiration marked by a strong anti-humanist connotation and anti-metaphysical.

The text does not intend to expose entirely the creation of the perspective from which we intend to focus on the reading problem in our thesis. But intends to propose a tangency of this problem, if we consider the prospect of "literacy" is one of the forms it takes an understanding of reading practices under the influence (often unstated or unconscious) of a

⁷ Received on 19/01/19, version approved in 03/19/19.

⁸Federal University of Pernambuco - UFPE; Master in Communication Sciences - USP; doctoral student in Education at the Post-Graduate Education - UFPE; e-mail: escabeau@gmail.com.

philosophical thought that reproaches transcendence and It makes immanence and relativism the basis of his understanding of the role of reading and literature in education.

ANTI-HUMANISM CONTEMPORARY AND LITERACY

Pierre Bourdieu in the wake of critical thinking which highlights the post-structuralism as the dominant intellectual current, confronts us with an impasse. The values that have long formed the foundation of subjectivity project that education is tried to carry out, he said, arbitrary; I have no universality, no transcendence, notions that would constitute only the alibi for the process of political domination and social exclusion that serve as ideological support.

The humanist concept of education as traditionally we know it, is unthinkable without recourse to notions of universality and transcendence (as well as other authority, tradition, transmission, responsibility). By removing the Humanism its prerogatives and confiscate their privileges, demonstrating the contingent and arbitrary character of "cultural capital" that supports it, Bourdieu provides sociological ballast to studies on literacy, to the extent that his sociology invests against the supremacy of cultural values which grant a form of reading a superordinate status to others.

The contemporary critique of humanism is an almost unanimous that manifests itself in many versions, from the pen of many influential authors. This criticism focuses mainly on the elitist and authoritarian bent of Humanism. A particularly aggressive example of this criticism is expressed as follows by a contemporary German philosopher:

The universal compulsory military service for young men and universal compulsory reading the classics for both sexes characterized the classical bourgeois epoch, that is, the era of armed humanity and devoted to reading, to which the new and old conservatives look nostalgic and at the same time powerless, totally unable to account in terms of the theory of the media, the meaning of a literary canon (...) the bourgeois humanism substantially was no more than the full power to enforce the classical to youth and claim the universal value of national readings (SLOTERDIJK, Peter, p. 12-13).

Humanism, this "melancholy, hopeful enthusiasm for civilizing and humanizing power of classic reading" (SLOTERDIJK, 2000, p. 16), still have some viability as part (does not even tell you how fundamental axis) of an educational project, given the virulent criticism that beset? Can the notion of reading shaped by the cultivation of the classics still have some

viability in the face of the principle that is at the center of Bourdieu's sociology and post-structuralist criticism - namely, the close relationship between language and symbolic violence?

Humanism is refractory to the notion of literacy (or not instead)? It can somehow benefit from new studies of literacy? Or these, in bourdieuriana inspiration, see the Humanism, at best, the subject of a review and an authoritative expression of symbolic domination resulting from a hierarchical view of the lids and reading or, at worst, an enemy to fight?

The notes that follow leave these questions, but do not reach an answer. Their claim is only to establish the first beacons of a reflection that sees compelled to continue, since they can not accept the hypothesis to stop or rewind.

The questioning introducing the reading mediation we can do about the literacy studies is the one that focuses on the meaning of George Steiner's work. As a whole, this work offers a wide questioning of the humanist perspective on education in the context of the changes observed in the sphere of culture in the context of the twentieth century marked by the collapse of the hierarchy of values that configured to tradition, the emergence of the disaster represented by the Holocaust and the mass culture consolidation.

It is in the modulation imposed by this scenario that Steiner installs its reflection on culture, inquires about the status of literature, notes the general impoverishment of language and perhaps irreversible deterioration of reading practices, the loss of shared habits of reference that make it possible to reading a classic in the pattern of canonical textuality.

The "text" is moving away from immediacy, personnel and vital recognition in clogs the footnotes increasingly rudimentary increasingly shameless to transmit information that was once the crop alphabet (STEINER, 2001b, p. 23- 24).

In addition to the particular incidence of this type of questioning, Steiner's work contains philosophical padding of a conception of the foundation of education based on the theory of the transcendence of language. These Steiner's work features offer, in our view, the opportunity of a questioning and an analysis that includes, on the one hand, the question of the validity of the philosophical foundation of a humanistic education and on the other hand, about the meaning such an educational perspective can still afford the practices related to language, literature and reading education.

[...] to bet on the direction of meaning [le sens du sens] on the potential of understanding and response manifested when the voice of a human being is directed to another when we are in front of the text, pictorial work or musical composition, that is, when we find the other in his condition of freedom (...), this fact bet focuses on transcendence (STEINER, 1991b, p. 22).

The concept of literacy and the theoretical apparatus that supports you belong to a fundamentally different register from that in which is located the Humanism and is based on an explicit hierarchy of reading content and forms of meaning that make the manifestation of the canonical and the notion - by itself eloquent about the ideal distinction of what is at stake - "high culture."

It is fair to say that literacy studies emerge and keep your *not herdiscourse* as a reaction to repeated verticalizing distinction advocated by Humanism and as a continuous affirmation of horizontality of non-hierarchical distinctions, but only contents and significance of differential processes. Such studies are therefore an opposition, in theory as well as in the empirical research and normative practices, the exclusivist conceptions of the role of reading and writing in education. They reflect the recognition of the legitimacy of an unlimited variety of practices and uses of writing and represent a shift from strict normativity to empirical practices, from school to everyday life.

Any attempt to approach from the perspective of literacy and conceptions of culture, text and reading Humanism as expressed in the work of George Steiner it appears, at first glance, an incongruity and absurdity, at least if the point of view adopted is the strong sense of antagonism that is expressed in the thought of Steiner as a whole and in numerous passages of his books. Making the exemplification an almost casual exercise, observe how, in the following passage, Steiner warns of the distinct nature of the reading act performed in the conventional limits of the culture of the humanities, clearly contrasts with the multiplicity of customs and practices which can be grouped in general meaning of "readings" or "literacies":

Most of the acts of reading, say ninety-five percent, just to exemplify the overwhelming evidence, take place in a context (warn up to the vicinity unintelligible, and without vital embargo, "text" and "context"), They are aimed in relation to ends that can not call but ephemeral, utilities, mechanical, almost sleepwalking. The woods are converted into cellulose to a tangible representation allegorical time programmed forgetfulness. Millions of tons of paper, printing, ink, pass through a daily cycle of instant obsolescence (STEINER, 2001, p. 16).

In this text the seventies, Steiner could not predict the amount of text with your new and sharp ephemerality circulating today in digital media (which has in its favor the fact that not directly decimate the forests). The name "text" within the meaning given by Steiner is reserved to the statement written prone to subscribe to the memory of his readers, and, in a broader sense, to become memorable, these two senses able to denote on the one hand, voluntary mobilization of individual memory, and secondly, the ability to come to occupy a

place in the wake of the tradition that makes the text endure through successive characteristic transmission processes of humanistic education.

We can see the clear and perhaps irreconcilable difference of perspective between the rigid normativity of canonical textuality after the pattern of steineriano Humanism and pluralistic vision, receptive, infensa the hierarchies that marks the theoretical orientation of literacy studies. Compare the liberality with which literacy studies question the hierarchical distinction between the different texts, as well as between the notions of "literate" and "illiterate" to the following characterization of an intrinsic correlation between the notion of text, such as we have just see, and the player that corresponds to it:

[...] a "text" is generated when the player is the one who rationally conceives himself writing a "text" comparable in importance and level of demand, it is reading. Essentially, reading is to sustain a relationship at the same time recreational and competitive with the writer of the text. It is an extremely active affinity, cooperative and, nevertheless, also agonistic, whose logic execution, if not real, is a "response text." (STEINER, 2001, p. 18)

"Maybe irreconcilable ..." we said earlier. For although steineriana vision proves resistant to attenuation factors and relativizations, we must insist on the fact that all normativity is part of a reality that imposes limits and inflections and it is impossible to disregard those limits if we are forced to confront the ideality of the norm with the actual constitution of the subject that materializes or changes but will only do so partially, subject (without the risk of incurring here redundancy) that is to the injunctions of the real world, the concreteness of his subject condition in the world.

It is under this consideration of limits, contexts, inflections that we can submit Steiner designs to a look that operates on the horizon of studies on literacy. Such an approach will require, first, that does not consider a univocal way static text notion, reader and reading. Think these categories from the perspective of literacy necessarily entails recognizing a wide range of materiality, forms and performances. It is thus safeguarded the possibility of thinking as text language achievements that are outside the restrictive limits of canonical textuality, that lend themselves to different uses and practices that cause receivership possibility of a wide typology of readers and readings. It is only on the ground that diversity that one can think in terms of literacy.

That said, the concept of literacy and methodology that it follows allow to make a distinction in the form of text, reading and reader described by Steiner could be focused as a particular type of literacy, an "humanitarian literacy" as a practical intensely institutionalized

literacy that could be studied and understood to give rise to a teaching job in order to form readers for this particular mode of reading.

POST-MODERN HUMANISM AND LITERARY READING

However, a possible rapprochement between Humanism and studies on literacy would certainly seem an extravagant theoretical syncretism. From the point of view of postmodern studies, there would be no major difficulties in assimilating humanitatis studia as a particular form of literacy, a variant of literary reading, whether school, academic or social leisure, established by a cultural industry is constantly evolving.

Its pluralistic and frankly acculturating perspective gives you a virtually unlimited scope: there where there is institutionalized patterns of communication mediated by writing there is an object to be studied, a practice of literacy to be understood. This makes it look like we are doing a trivial intellectual operation in which a theory identifies a new object and it imposes on its methodological apparatus, media and languages in their convergence to digital media. This appearance vanishes if we consider that humanism is nothing "new" and if you look at the paradigmatic tension that results from a rapprochement between fundamentally different models of understanding.

On the other hand, studies on literacy reflect an insurgency of the pedagogical thought against partial and exclusionary character of a traditional conception of literary reading, which entails manifestations of "symbolic power" as it is conceived as a severe criticism object in the sociology of education Bourdieu. The close alliance with the legacy of sociology and anthropology regarding the criticism of forms of symbolic domination that operate through language stems from the interest of studies of literacy in the manifestations of written culture considered marginal or illegitimate compared to the hegemonic forms:

[...] there where the theoretical education and psychology have focused on discrete elements of reading and writing skills, anthropologists and sociolinguists have focused on literacies: social practices and conceptions of reading and writing. The rich cultural change these practices and concepts leads us to rethink the meaning and to be cautious at the time of assuming a single literacy where we can be simply imposing in the literacy of others, assumptions derived from our own cultural practice. Recent research about the cultures and that focus on reading and writing lead us to fix our interest in unique and creative ways in which people adapt literacy to their concerns and interests (STREET, 2004, p. 81).

It is a sociology of education and culture as Bourdieu, or in any way, the anthropological and/or sociological interest in addressing the interaction between social and

symbolic, as well as the manifestation of power relations through language that arises the view that:

[...] will focus on the ways in which the apparent neutrality of practices mask their importance to the distribution of power in society and the authority relations: the acquisition, use and meaning of different literacies have an ideological character which until recently time had not sufficiently recognized (STREET, 2004, p. 82).

But (and here we open a frankly speculative parenthesis) criticism bourdieuriana the manifestations of the symbolic power operating through language may come across one last insurmountable obstacle: the hypothesis that there is between language and power intrinsic relationship based on nature of language. What aventamos here in the form of hypothesis, Roland Barthes expressed categorically and provocatively: "... the language, such as performance of all language is neither reactionary nor progressive; it is, simply, fascist; because fascism is not to stop to say, it is to force saying "Or,". By its very structure, the language implies a fatal relationship of alienation. Talking, and with stronger reason yet, discourse, is not communicating, as is repeated too often, it is subject: every language is a generalized reaction "(Barthes, 1978, p.

In his own way, George Steiner expressed a similar judgment directed to writing (long quote I will be forgiven):

In written text, either clay tablet, marble, papyrus or parchment, is written in the bone, curled or printed in a book, there exists a high degree of authority (which term, as its origin Latin *autoritas*, covers the word "author"). Simply write, use a written transmission, implies a claim masterful and canonical. Overtly in the case of any theological and liturgical document, penal code, scientific or technical manual treaty, equally very strongly, though more subtle, even autossubversiva in the case of comic or ephemeral texts, all written text is contractual. He calls the author and his reader to the promise of a meaning. In essence, the writing is normative. It is "prescriptive", a term whose wealth and connotative semantics requires particular attention. "Prescribe" means order, ie, to anticipate and limit (another eloquent expression) a domain of conduct or interpretation of the intellectual or social consensus. The terms "application", "script", "scribe" and the rich semantic field from which they derive, associate intimately and inevitably the act of writing the command modes. "Prohibition", akin term resonates to exile or death. In all possible ways, including masked under a slight appearance, the acts of writing ball, as if embedded in the books, expose power relations. The despotism exercised by the clergy, the political, the Law on uneducated or subletrados only does express the absolute truth cardinal. The involvement of authority with a text, ownership and the exclusive use of these books by a literate elite are power signals. There is a disturbing form of truth in chained volumes of medieval monastic libraries. The writing eludes the senses (in St. Jerome, the translator achievement sense, just as the victorious conqueror takes prisoners home (STEINER, 2014, p. 79).

An ontological relationship between language and power caveats suggest we do to attempt to debug it in the last degree, eliminating the authority traits of its own. It will say, however, that, short of this essential instance, language is an instrument of power operating in

concrete situations, in specific contexts, allowing specific forms of domination. The apparatus of socio-linguistic critical here regains the viability of his criticism: focusing on contexts, uses and specific practices, including the education. It is in this sense that we understand the contribution of literacy studies, like "concrete descriptions of uses and actual conceptions of literacy in specific cultural contexts (STREET, 2004, p. 82). Here emerges the bourdieuriano dream of a not reproductive education, able to disable all the mechanisms of symbolic violence. But also comes a caveat I can only express the moment, very partial and speculative way.

FINAL CONSIDERATIONS

The reproductivist effectiveness (reproduction of social inequality and forms of domination) of school education and cultural institutions (museums, cinema, theater, literature etc.) has been rigorously demonstrated by research conducted or directed by Bourdieu. The question, in our view, and therein lies the impasse that sociology of education and bourdieuriana culture released on pedagogy, is whether, or to what extent, playback may be cut off from operation of these institutions or are an intrinsic characteristic which they may not ultimately to disengage. For now, we can not more than launch and leave open the question of long-range and unlikely solution.

Because it is not there only two ways to understand the nature of textual and reading practices, and a more plural, open, flexible and a more strict, particular rules and severely. It is also two essentially different teaching affiliations. On the one hand, humanism is not only a practice of reading (or literacy), but a formal and coherent discourse on the ways of reading on the implied values in this act and the differential value of a canonical corpus Auror and works consecrated by tradition.

If the literacy studies can, so to speak, to dialogue with humanism, we must admit that the term "dialogue" has to sound rhetorical, since Humanism would take around an asymmetric and subordinated position, precisely as the object of studies on literacy and more: as an object among others, revoked the status of a higher form of reading that humanism has always claimed. Respond well, the initial question that motivated the preparation of this article, with a new question: how can promote literacy, without the appropriation of literary reading, that is, without the disciples have contact with the subjectivity that gives way to systematize knowledge?



REFERENCES

- BARTHES, Roland. **Leçon**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parquet humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- STEINER, George. O silêncio dos livros. In: **Revista Serrote**, São Paulo, n. 17, julho-2014, p. 77-107.
- STEINER, George. **Sobre la dificultad y otros ensayos**. Mexico, D: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- STREET, Brian. Los nuevos estudios de literacidad. In: ZAVVALA, V; NIÑO-MARCIA, M.; AMES, P. **Escritura y sociedade**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales em el Perú, 2004.



**ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS:
HISTÓRIA E CULTURA EDITORIAL**